

MODELO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO DIDÁTICO PARA EaD

Ana Beatriz Bahia¹
Andreza Regina Lopes da Silva²

Resumo

Considera-se o vídeo didático como uma mídia que potencializa a construção e reconstrução do conhecimento do estudante na modalidade de Educação a Distância (EaD). A partir desta premissa, este artigo: (1) sumariza parâmetros definidores da qualidade midiático-pedagógica desse tipo de recurso didático; (2) apresenta aspectos pilares do processo de produção de vídeos didáticos no contexto da EaD acadêmica. Para atender a este segundo objetivo, propomos o Modelo de Produção de Vídeo Didático aqui apresentado, o qual ganhou forma em pesquisa exploratória e descritiva realizada a partir de um estudo de caso. O modelo inclui: (2a) uma taxionomia de vídeo didático, organizada em cinco categorias; (2b) os principais atores envolvidos no processo de produção desses tipos de vídeo didático; (2c) as principais etapas desse processo de produção.

Palavras-chave: Vídeo Didático; Educação a Distância; Produção Audiovisual; Mediação.

¹ Doutorado em Educação/UFSC. Atualmente é professora substituta no Centro de Educação a Distância da UDESC. É cofundadora e diretora de criação do estúdio Casthalia, especializado em tecnologias educacionais.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPEGC) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Graduada em Pedagogia pela UniCesumar. Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento com ênfase na área de Mídia do Conhecimento. Especialista em Educação a Distância e em Auditoria Empresarial. Graduada em Administração pela UFSC em 2002. Pesquisadora UFSC e CNPq nas áreas de Projeto, Metodologia e Design Educacional para planejamento, prática, acompanhamento e avaliação em EaD .

DIDACTIC VIDEO PRODUCTION MODEL FOR DISTANCE EDUCATION

Abstract

In Distance Education, the didactic video is considered a media that enhances the construction and reconstruction of knowledge by the student. On the basis of this premise, this paper: (1) synthesizes parameters for pedagogical and media quality for this kind of didactic resource; (2) presents the pillars of the didactic video production process for Distance Education in the academic context. To achieve this second goal, we propose a Didactic Video Production Model. This was implemented as from an exploratory and descriptive research based on a case study. The model includes: (2a) a didactic video taxonomy, with five categories; (2b) the main actors involved in the didactic video production process; (2c) the main steps of that process.

Keywords: Didactic Video; Distance Education; Audiovisual Production; Mediation.

1. INTRODUÇÃO

Aspecto fundamental no planejamento e desenvolvimento de um curso a ser oferecido na modalidade Educação a Distância (EaD) é a elaboração do material didático, elemento mediador que estrutura e conduz o estudante no processo de ensino-aprendizagem. Este é organizado em diferentes mídias, incluindo materiais analógicos e digitais (SILVA: SPANHOL, 2014). Independentemente do tipo de material a ser elaborado, é de extrema importância que este apresente qualidade necessária para interação efetiva entre os principais atores que fazem parte deste processo: professor e estudante.

Considera-se que um material didático é efetivo quando promove a aprendizagem, enquanto contínuo processo de construção e reconstrução do conhecimento. Para tanto, além de ter consistência no conteúdo enunciado, o material deve proporcionar uma experiência significativa, ou seja, apresentar uso adequado da linguagem escolhida, consistência em sua forma de enunciação além de estimular atividades reflexivas. Até porque, a fronteira entre a forma e o conteúdo de um discurso pedagógico é ilusória: o modo como algo é dito plasma

conceitos e estratégias de seleção e de organização de saberes, assim como estrutura a experiência de aprendizagem que se realiza através desse dizer (BAHIA, 2008).

Entende-se que a excelência no uso de uma determinada linguagem para a construção de materiais didáticos para EaD é aquele que promove uma ‘educação sem distância’. Permite superar barreiras físicas e geográficas; atingir os objetivos de uma aprendizagem flexível, contextualizada e de qualidade para muitos (BRASIL, 2007).

Dentre as linguagens midiáticas utilizadas na construção de materiais didáticos para EaD, destaca-se neste artigo a linguagem audiovisual. Com o surgimento e popularização, nos últimos dez anos, de portais na *web* destinados à veiculação de vídeos independentes – como *Youtube*, *Vimeo*, entre outros –, a linguagem audiovisual ganhou uma aceitação pública nunca antes desfrutada. O vídeo está entre os tipos de materiais mais usados para estreitar relações de ensino-aprendizagem neste início do Século XXI, ganhando diferentes formas nos contextos de educação formal, não-formal e informal, como: videoaula, depoimentos de especialistas, infográficos animados, tutoriais e até mediação pedagógica de filmes ou vídeos disponíveis na *web*. Na EaD, especificamente, essa apropriação da linguagem de vídeo mostra-se pertinente para realizar função pedagógica diferencial e complementar a de outros materiais didáticos.

A partir desta contextualização, o objetivo com este artigo é apresentar parâmetros e estratégias metodológicas para a produção de vídeo didático no contexto da EaD. Apresenta-se aqui os resultados de uma pesquisa exploratória e descritiva (GIL, 2000) realizada entre os anos de 2014 e 2015. Portanto, a pesquisa incluiu: (a) levantamento bibliográfico de textos acadêmicos sobre vídeos didáticos, com destaque para artigos sobre avaliação da qualidade pedagógica desse tipo de material didático; (b) análise de depoimentos de profissionais especializados na produção de vídeos didáticos; (c) construção e documentação de um modelo de produção de vídeos didáticos. Assim, o artigo está pautado na vivência prática das autoras-pesquisadoras, destacando aspectos teóricos relacionados à relevância do vídeo didático e à qualidade do uso da linguagem audiovisual no contexto da EaD, visto que a tessitura desse

processo de construção didático-pedagógica interfere diretamente na aprendizagem do estudante a distância. Por fim, infere-se as considerações finais relacionadas à pesquisa realizada e lista-se as referências utilizadas.

2. QUANDO UTILIZAR VÍDEO DIDÁTICO

Um vídeo didático é um capítulo do material didático basilar num curso EaD. Portanto, ao optar pelo uso da linguagem audiovisual deve-se ter clareza sobre os motivos dessa escolha. Perguntar-se: em que medida as vantagens formais e comunicacionais próprias dessa linguagem são adequadas para o tema? o objetivo pedagógico? o público e o contexto de ensino-aprendizagem?

Se o objetivo, por exemplo, for abarcar um tema extenso numa análise conceitual, ou aprofundar um conteúdo, o vídeo não é o tipo de recurso mais indicado. Talvez a linguagem verbal e o formato de livro (impresso e/ou digital) sejam os mais adequados, pois facilitam a apresentação objetiva de ideias e o estudo mais aprofundado. Além disso, o estudo de um livro é menos cansativo do que assistir um vídeo didático extenso, com a duração necessária para apresentar grande volume de informação, pois estima-se que a atenção do telespectador é proveitosa entre 3 e 8 minutos.

Quais características formais e comunicacionais são próprias da linguagem audiovisual?

Em termos formais, a linguagem audiovisual é a articulação entre som, imagem e movimento numa única mídia, com uma temporalidade e enquadramento da percepção que lhe conferem caráter narrativo. Contudo, é a palavra **vídeo**, usada no dia-a-dia para designar produções audiovisuais, que melhor explica a potencialidade desse tipo de linguagem. Como a origem do termo indica – do latim *video* que significa “eu vejo” – vídeo é a construção de um olhar sobre um algo. Cada discurso audiovisual é um modo singular e diferencial de perceber e representar o estar no mundo. Isso vale até mesmo para as desprezíveis filmagens do cotidiano; elas são mais do que capturas do mundo diante da câmera. Toda

filmagem é resultado de escolhas que o cinegrafista faz, decidindo a cada instante o que, quando e como registrar os sons, as imagens e os movimento de/sobre algo. No caso de um vídeo didático, estas decisões devem convergir para a proposta pedagógica definida pelo professor e pela equipe multidisciplinar envolvida na produção.

Em termos comunicacionais, pode-se afirmar que a produção de um vídeo didático é indicada quando se busca: sintetizar um conceito; analisar a dimensão teórico-empírica de uma situação concreta; comparar diferentes situações; contrastar depoimentos de profissionais com diferentes opiniões; explicar processos de difícil observação a olho nu (microscópicos ou telescópicos); transitar entre contextos geográfica e/ou historicamente específicos; demonstrar passos de um processo técnico ou comportamental; ilustrar um conceito com metáfora, ou inserido em uma narrativa ficcional; estabelecer relações entre o que o aluno aprende e a realidade vivenciada; motivar o aluno a colocar em prática o que aprende no curso, entre outras. Em síntese, se utilizada de forma consistente e adequada, a linguagem audiovisual é muito relevante para se promover a aproximação do estudante com o tema, pois permite que este se perceba implicado no conteúdo, promovendo a reflexão e o pensamento crítico.

3. A LINGUAGEM AUDIOVISUAL EM EaD

A construção de um vídeo didático envolve diferentes competências, habilidades e recursos tecnológicos. Portanto, costuma nascer do trabalho de uma equipe multidisciplinar que atua de modo interdisciplinar. Especificamente, demanda parceria entre professor (especialista no conteúdo abordado) e equipe de produção de materiais didáticos (composta por profissionais habilitados no uso das linguagens midiáticas para fins didático-pedagógicos). A boa interação entre esses profissionais é fundamental para que a dimensão interdisciplinar do processo se realize. Todos os envolvidos nessa construção precisam ter clareza sobre ‘o quê’, ‘o porquê’ e ‘para quem’ o vídeo está sendo produzido, assim como, saber tirar proveito da linguagem audiovisual para promover a construção e reconstrução do conhecimento. Profissionais roteiristas e designers educacionais têm atuação direta no processo de construção de vídeo didático, sendo que estes dois papéis podem ser

desempenhados pela mesma pessoa, desde que esta reúna ambas habilidades e competências, que se apresente como um profissional multidisciplinar. Independentemente da quantidade e formação dos profissionais envolvidos na construção de um vídeo didático, é fundamental que todos estejam bem alinhados sobre o que aporta qualidade ao trabalho a ser realizado. Portanto, em busca de parâmetros e critérios sobre como explorar a linguagem audiovisual para promover aprendizagem significativa, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em fontes acadêmicas (BEAUDIN; QUICK, 1996; CARDOSO, 2013; CLOTHIER, 2016; MAYER, 1997; MAYER; MORENO, 1998, 2000a, 2000B; SCHNAID et al., 2003), assim como em sites de profissionais de produção de vídeos didáticos. Também é referência a atuação prática das autoras em projeto numa instituição pública de ensino em Santa Catarina, quando elencou-se dez máximas de “boas práticas” de concepção e produção de vídeos didáticos:

- **Ser o mais breve possível:** buscar orientar e produzir vídeos com até 8 minutos de duração. Isso porque a atenção do aluno costuma diminuir na medida em que o vídeo se prolonga. Apresentar um volume maior de informação nem sempre é a melhor escolha, principalmente quando visamos uma aprendizagem significativa.
- **Ser livre de preconceitos:** trabalhar os assuntos de um modo que não reafirme preconceitos e estereótipos que pairam no senso comum.
- **Ser narrativo:** promover na roteirização um diálogo, como se o professor estivesse contando uma história. Apresentar um texto como narrativa é uma estratégia pedagógica utilizada para capturar e manter a atenção do aluno.
- **Promover a autoria:** o vídeo didático deve ser sempre autoral, sem pretensão de neutralidade, pois apresenta a construção de um olhar sobre algo. É importante que o aluno interprete o vídeo como uma “fala” do professor. Sempre que possível, vamos utilizar a fala do professor ao invés de um narrador, pois, dependendo da entonação da voz do narrador pode ficar subentendido que este não tem propriedade para abordar o conteúdo com a consistência e profundidade desejadas, fragilizando a credibilidade do vídeo como um todo.
- **Usar tomadas curtas:** Tradicionalmente estamos acostumados a prestar mais atenção em vídeos curtos, para o vídeo didático isso não é diferente, por isso recomendamos intercalar dois ou mais tipos de tela, ou de enquadramentos. Por exemplo, podemos intercalar a filmagem do professor com imagens ilustrativas e citação de frases-chave para a compreensão do conceito. Se o vídeo envolver apenas filmagem, alterar o enquadramento cada vez que houver uma quebra de parágrafo ajuda a manter a atenção do aluno. Se o vídeo for eminentemente expositivo, é recomendado intercalar a fala do professor com a de um narrador.

- **Sensibilizar o aluno:** o vídeo é um recurso educativo e, também, de sensibilização. Portanto, orientamos que a abordagem do conteúdo seja feita a partir de situações atuais e relacionadas com o cotidiano do aluno.
- **Ser simples:** o vídeo didático deve ser o mais simples possível, evitando a dispersão do aluno com elementos gráficos e sonoros que não contribuam para o aprendizado.
- **Ser diferente:** através da simplicidade de produção podemos apresentar um diferencial em relação a outros vídeos e materiais didáticos acessíveis ao aluno. Portanto, é importante identificar qual abordagem de vídeo soará convencional e qual será vista como novidade para os alunos, tendo em vista o assunto em discussão e o objetivo pedagógico do vídeo. Ou seja, o diferencial do vídeo não deve distrair, deve promover uma aproximação efetiva do aluno com o conteúdo.
- **Ser um audiovisual:** o vídeo não deve estar pautado apenas na linguagem verbal, seja ela narrada ou escrita. Devemos explorar o uso de som, imagem e movimento.

Ter ritmo: é preciso apresentar um ritmo constante na fala, ela não deve ser muito lenta, nem muito rápida. Precisa dar tempo para o aluno pensar; por isso algumas telas de silêncio (subtítulos, por exemplo) são importantes. A narração deve ter uma entonação que represente a narrativa do vídeo. No geral, a entonação deve ser instigante no início, ter um movimento crescente no desenrolar do conteúdo e culminar num fechamento propositivo, apontando ao aluno caminhos de reflexão ou atividade a fazer. (BAHIA; SILVA, 2015, p. 14-16)

Tais práticas potencializaram a produção de vídeo no contexto da EaD nos diferentes projetos vivenciados pelas autoras desta pesquisa.

4. COMO CONSTRUIR UM VÍDEO DIDÁTICO

Cada instituição de ensino que atua na modalidade EaD tem sua própria dinâmica de elaboração de vídeo didático, forjada com vista aos recursos de tempo, de pessoal e de equipamentos de que dispõe. Há instituições, por exemplo, em que o professor dialoga com uma equipe externa de estúdio de produção de vídeo contratado para tal objetivo. Também há instituições que apenas filmam o professor explanando seus conteúdos diante do computador, entregando a gravação aos alunos sem sequer suprimir as pausas ou repetições próprias da fala espontânea. Esta última dinâmica costuma ser justificada por escassez de recursos.

A disponibilidade de recursos acima elencados não é o único fator determinante para a qualidade de um vídeo didático. A consistência conceitual do processo de construção do vídeo

– os parâmetros e critérios, as referências³ e etapas adotados pela instituição – impacta direta e intensamente na qualidade do vídeo. Tal consistência se mostra quando se indaga, por exemplo: o que a instituição entende por vídeo didático? Ou, o que entende por um bom vídeo? A partir de que referências de linguagem audiovisual sua equipe trabalha? Quanto tempo de criação está disposta a investir nesse tipo de produção? O que definiu como padrão mínimo de qualidade comunicacional – e não apenas técnica? Será que ele é coerente com os usos que se faz da linguagem audiovisual no mundo contemporâneo? Em que direção a instituição caminha quando pensa em melhorar seus vídeos didáticos? Até que ponto a interdisciplinaridade e a colaboração estão presentes em seu processo de produção?

Outras tantas questões poderiam ser aqui citadas. Contudo, seguiremos adiante. Compartilhamos, a seguir, um modelo de concepção e produção de vídeo didático no contexto de EaD, elaborado na medida em que buscávamos alternativas para contornar os percalços conceituais e econômicos com os quais nos deparávamos no dia-a-dia do trabalho. Desenhou-se esse modelo, testando-o e aperfeiçoando-o ao longo de um ano de trabalho⁴. Por fim, o modelo ganhou forma na publicação “Vídeo Didático: um Guia para o Professor” (BAHIA; SILVA, 2015), usada na capacitação de docentes da instituição com o objetivo de promover participação mais efetiva dos professores no processo de construção de vídeos didáticos.

³ Há inúmeras bases de dados *online* de vídeos construídos com finalidade educacional. Nelas encontramos vídeos de diferentes tipos, dos mais convencionais aos mais inovadores. Entende-se que conhecer tal diversidade é interessante para pensar a amplitude da linguagem audiovisual e buscar inspirações. Portanto, compartilha-se os endereços a seguir: *Domínio Público* <http://www.dominiopublico.gov.br/>; *Novo Telecurso* <https://www.youtube.com/user/gilesons>; *Videoteca TV Futura* <http://www.futuratec.org.br>; *Estude em casa* https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8AjIwg; *Festival Innovative Video in Education* <http://www.ivieawards.org>; *Festival da BUFVC* <http://bufvc.ac.uk/events/learningonscreen>; *MIT (Massachusetts Institute of Technology)* <http://video.mit.edu>; *Universidade Aberta do Reino Unido* <http://www.open.ac.uk>; *BBC Learning Zone*: <http://www.bbc.co.uk/learningzone/clips>; *FW Thinking* <http://www.fwthinking.com/video/>; *Coursera* <https://www.youtube.com/user/coursera/videos>; *Vimeo Education* <http://vimeo.com/categories/education>.

⁴ Este trabalho ocorreu entre 2014 e 2015, quando as autoras integraram a Equipe de Produção de Materiais Didáticos, numa instituição pública de ensino técnico, ensino médio e ensino superior em Santa Catarina. como coordenadora da equipe; como roteirista de vídeo didático, atuando também na direção das gravações e na edição desses vídeos.

Esse modelo foi desenhado porque, em grande medida, observamos que a qualidade do vídeo didático dependia da efetividade do diálogo estabelecido entre o professor e a roteirista, na etapa de pré-produção. Nas produções em que não foi possível construir um diálogo efetivo entre professor e roteirista, percebeu-se que a consistência entre conteúdo e forma do vídeo didático não atingiu a qualidade final esperada, reafirmando a importância de um modelo que promovesse o trabalho interdisciplinar e colaborativo entre os atores envolvidos nesse processo.

5. MODELO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO DIDÁTICO

O modelo desenhado é composto de: (a) **taxionomia de vídeos didáticos** consistentes com os critérios de qualidade pedagógica e audiovisual antes elencados e, ao mesmo tempo, produzíveis com os recursos de tempo, de pessoal e tecnológicos de que dispúnhamos, (b) **atores do processo**, tanto da equipe docente como da equipe de produção; (c) **etapas do processo**, incluindo pré-produção, produção e pós-produção.

TAXIONOMIA DE VÍDEOS DIDÁTICOS

É fato que já existem categorias de classificação de vídeos em geral: documentário ou ficção, animação ou *live action*, curta-metragem ou longa-metragem, dentre outros. Essa taxionomia é excessivamente abrangente e pouco auxilia na hora de classificar os vídeos didáticos, em especial aqueles que são produzidos no contexto de EaD. Por isso, propôs-se categorias próprias, tendo em vista o objetivo pedagógico, assim como os recursos de produção existentes, os perfis dos alunos, as particularidades dos conteúdos com os quais se trabalha e as demandas apresentadas pelos professores.

A seguir apresentamos a taxionomia criada, onde estão listadas cinco categorias organizadas em ordem crescente de complexidade de produção. Ou seja, a primeira categoria demanda menos tempo e menor envolvimento de atores do processo de produção. A última categoria demanda maior tempo e maior envolvimento dos atores envolvidos no processo.

Vídeo de mediação

Solução de produção “rápida”, proposta ao se perceber a recorrência de professores interessados em utilizar fragmentos de vídeos preexistentes – como filmes longa-metragem da indústria cinematográfica, curtas-metragens vencedores de festivais, documentários, entre outros – para potencializar o conteúdo a ser explanado ao estudante. A questão foi: como realizar a mediação pedagógica na apreciação desses vídeos no contexto de uma sala de aula virtual? A resposta é organizar um vídeo com frases de mediação, elaboradas pelo professor para o processo de aprendizagem, inseridas antes e depois da exibição do fragmento da produção audiovisual preexistente, sempre cuidando de inserir as devidas indicações de autoria conforme as normativas da ABNT. Ou seja, o vídeo de mediação é a transposição para o ambiente virtual de ensino-aprendizagem dos comentários verbais que o professor faria numa sala de aula presencial antes e depois de exibir um filme. Esta estratégia é indicada para que o professor compartilhe o seu “olhar” sobre um vídeo já existente.

A inclusão das frases de mediação é fundamental para conferir consistência didática ao material, em especial nos casos de citar produções feitas para atender outra finalidade, como por exemplo oferecer entretenimento ou informação. Nessas frases é importante deixar claro para o aluno o porquê da escolha do vídeo ali apresentado. As frases introdutórias devem direcionar a atenção do aluno para o conteúdo específico a ser observado no vídeo. Por exemplo: [tela 1] “No cinema, encontramos imagens da Ciência e do profissional atuante nesta área”, [tela 2] “Então, vamos a um fragmento do filme *O óleo de Lorenzo* para pensar: Como o cientista é retratado neste filme?”. As frases que aparecem entre um fragmento e outro, ou no desfecho do vídeo, devem conduzir o estudante a construir reflexões a partir do que assistiu. Por exemplo: [tela 4] “Você observou que os cientistas estudam e reveem suas pesquisas continuamente? Isso porque eles reconhecem que não existem verdades absolutas.”. Também pode haver orientações para que o estudante registre suas reflexões no ambiente virtual de ensino-aprendizagem. Por exemplo: [tela 5] “Agora, visite nosso ambiente virtual de ensino-aprendizagem e responda à pergunta colocada no fórum desta unidade.”

Para esta organização é importante um trabalho integrado, no qual o professor indica ao roteirista mais do que o endereço de internet no qual o vídeo pode ser baixado. Além dos conceitos e objetivos pedagógicos enfocados, é o professor quem define e indica as informações de tempo (do início e do fim) de cada fragmento do vídeo a ser citado. Nessa definição, o professor deve evitar fragmentos longos, ou a inclusão de cenas que não contribuam diretamente com o objetivo de aprendizagem pré-definido. Contudo, os fragmentos não podem ser excessivamente curtos, a ponto de descontextualizar seu conteúdo. Essa construção permite a produção de vídeos que explicitam conexões entre conceitos e mundo concreto, entre teoria e prática, provocando reflexão nos alunos.

Videoaula

Este gênero de vídeo caracteriza-se pela filmagem do professor em uma exposição verbal de determinado conteúdo ou apresentação geral da disciplina, transpondo para a EaD o conceito de aula expositiva utilizada na educação presencial.

Uma videoaula deve ser mais do que filmagem "crua" do professor explanando algo. A fala do professor deve ser previamente redigida e lapidada num roteiro técnico, escrito pelo profissional da área de audiovisual a partir do documento de conteúdo elaborado pelo professor. O roteirista pode contar ainda com o designer educacional para a transposição do conteúdo. Trata-se de um trabalho colaborativo, construído em várias idas e vindas entre os envolvidos, até aportar a consistência necessária na linguagem audiovisual, em aspectos metodológicos da EaD e no conteúdo disciplinar, que um vídeo didático demanda. Nesse roteiro, o conteúdo é organizado em subtítulos, estruturando a narrativa em pequenos fragmentos concatenados de modo a facilitar a exposição do conteúdo e sua compreensão pelos estudantes.

Na seção de gravação é importante proporcionar ao professor a leitura do texto no *teleprompter*, equipamento colocado junto à câmera onde corre o texto para ser lido pelo protagonista do vídeo. O uso deste equipamento minimiza pausas, redundâncias e descontinuidades comuns ao falar espontâneo. Mesmo que o professor cometa "tropeços" na

leitura, ou refaça algumas frases, o trabalho em equipe contribui para a edição e a correção dessas situações. Além disso, a edição confere maior riqueza à fala do professor. Apesar de manter a continuidade do áudio, alterna-se o conteúdo de tela do vídeo entre a filmagem do professor e outras imagens, como fotografias, tabelas ou gráficos que ilustrem a explicação. Tais imagens são propostas na etapa roteirização, validadas pelo professor e produzidas em paralelo ao processo de gravação.

Tudo isso – desde a produção de síntese de conteúdo consistente, de roteiro adequado ao tema e ao público visado, até a edição bem-acabada – evita um problema comum em videoaulas: ser um vídeo cansativo e que não captura a atenção do estudante.

Vídeo tutorial

O vídeo tutorial tem como principal característica a exposição, passo a passo, de um processo. Portanto, é mais adequado para explanação de conteúdos técnicos ou tecnológicos. Geralmente envolve a gravação em *off* (apenas voz) da fala do professor e capturas de tela do computador (no caso de um tutorial de programa informático) ou filmagem do passo-a-passo de um processo técnico tangível. Além disso, é indicado o uso de subtítulos que demarquem as etapas do processo, assim como a citação e explanação de conceitos que se realizam naquele processo, conferindo maior consistência ao conteúdo demonstrado.

Assim como ocorre na videoaula, esse tipo de vídeo demanda construção de um roteiro técnico e produção de elementos gráficos. Mas, como a gravação fílmica (demonstração do processo) e do áudio (narração em *off*) costumam ser feitas separadamente, sua etapa de edição costuma ser mais demorada do que a da videoaula.

Vídeo instrucional

Este tipo de vídeo caracteriza-se por ser a animação de elementos gráficos instrucionais com gravação apenas da fala, seja do professor ou de um terceiro (o narrador). Este tipo de vídeo permite explorar as potencialidades pedagógico-comunicacionais próprias das linguagens visual e sonora, conferindo maior intensidade à linguagem verbal pelo uso intensivo de elementos como fotografias, fragmentos de música, ícones, infográficos etc.

Para este tipo de vídeo também se elabora um roteiro técnico a partir da síntese do conteúdo. Contudo, sua concepção envolve criação de conceito visual exclusivo e sua produção demanda uma equipe variada, composta por professor, designer educacional, roteirista, cinegrafista e editor, e também por um designer com conhecimentos em animação. Isso porque, em paralelo à gravação da fala do professor e/ou narrador, é feita a produção e animação dos elementos gráficos que aparecem, movimentam-se e desaparecem na tela, conforme previsto em roteiro. A sincronização entre fala e animação é feita no momento de edição, sendo mais complexa do que a realizada nos tipos de vídeo antes referidos.

Outro tipo de vídeo didático

Além das opções anteriores outros tipos de vídeos didáticos podem ser produzidos. Por isso nesta taxionomia definiu-se uma categoria com configuração ampla com a intenção de evidenciar a inexorável incompletude da taxionomia proposta, lembrando que “a incompletude [de um sistema de classificação] não indica que falte algo no sistema, mas faz com que ele seja sempre dilatável, através da associação de novos conceitos e práticas” (BAHIA, 2008, p. 168). O objetivo desta definição foi estimular os membros da equipe – em especial, os professores – a externar outras ideias de recursos didáticos em linguagem audiovisual, tendo em vista o seu público, conteúdo e objetivo pedagógico. Neste caso destaca-se que os outros tipos de vídeos podem envolver filmagem de tomadas externas ao estúdio, criação de ilustrações e personagens desenhados, produção de animações mais complexas do que as instrucionais, entre outros elementos pertinentes ao conceito de vídeo a ser formulado. Sempre devem ser consideradas as dez máximas definidas para o uso da linguagem audiovisual para fins didáticos.

ATORES DO PROCESSO

A produção de vídeo didático exige criatividade e conhecimentos especializados e com perfil multidisciplinar; logo, é fruto do trabalho de equipe multiprofissional atuando de modo interdisciplinar. Os papéis que os profissionais dessa equipe desempenham no processo podem ser aglutinados em dois grupos:

Equipe docente

Inclui: o **coordenador pedagógico** do curso, o qual define o escopo de produção com a coordenação da equipe de materiais, tendo em vista os recursos, os prazos e o tempo disponível para esse curso; e o **professor** de uma disciplina, responsável pelo conteúdo para produção de um vídeo didático. Ele é quem aporta e zela pela consistência do conteúdo disciplinar que será trabalhado com o estudante, a fim de potencializar a construção de conhecimento.

Equipe de Produção

Inclui: o **coordenador da equipe** de produção de materiais, responsável pela complexa tarefa de gerenciar a equipe e os diferentes processos que permitem a produção dos diferentes e numerosos materiais didáticos que devem, num curso na modalidade EaD que preza pela qualidade, atuar como mídias do conhecimento; o **roteirista**, profissional que cria um argumento de vídeo a partir da síntese de conteúdo entregue pelo professor, escreve o roteiro técnico em diálogo com o professor e dirige o processo de produção; o **revisor textual**, responsável por revisar o roteiro já aprovado pelo professor; o **designer gráfico e/ou de animação** elabora imagens, animações e qualquer elemento gráfico que integre o vídeo, zelando pela identidade visual dos materiais didáticos da instituição; os **profissionais de gravação** em estúdio de vídeo e de áudio, responsáveis por gravar o que foi planejado em roteiro e zelar pela qualidade técnica (como ajustes de luz e enquadramento, definição de imagem e som, entre outros) dos arquivos de gravação; e o **editor de vídeo**, responsável por reunir tudo que foi produzido e gravado e gerar a versão final do vídeo a ser disponibilizado ao estudante, geralmente por meio do ambiente virtual de ensino-aprendizagem. Todos esses profissionais devem estar comprometidos em zelar pela qualidade pedagógica e linguagem audiovisual.

ETAPAS DO PROCESSO

O fluxo de elaboração de vídeo é um sistema complexo, formado por diferentes atividades, organizadas em cinco etapas distintas (planejamento, pré-produção, produção, edição e publicação), cada qual com suas subetapas, realizadas pelos atores do processo.

Planejamento

É a etapa inicial para alinhamento entre equipes docente e de produção, definidora do **escopo** do vídeo a ser produzido para um curso e o **cronograma** de produção. A partir do tipo de vídeo definido as demais etapas são realizadas separadamente, sob o olhar do coordenador da equipe de materiais didáticos.

Pré-produção

Esta etapa se inicia com o diálogo entre professor, roteirista e, conforme a demanda, com a participação do designer educacional, alinhando os objetivos pedagógicos e o conteúdo (tema e conceitos-chave) do vídeo a ser produzido. Essa etapa ganha corpo com a elaboração de dois documentos: a **síntese de conteúdo** (escrito pelo professor) e o **roteiro técnico** (proposto pelo roteirista e/ou designer educacional). A etapa se encerra com a **revisão textual** do roteiro, após o professor validar o roteiro proposto pelo roteirista. Este procedimento de validação pode envolver diversas idas e vindas entre os atores envolvidos para alinhamento dos objetivos pedagógicos e comunicacionais.

Quanto à redação do roteiro técnico, recomenda-se seguir as dez máximas de uso da linguagem audiovisual anteriormente citadas a partir da definição de Bahia e Silva (2015). Além disso, recomenda-se usar o modelo adaptado de roteiro técnico utilizado em produtoras de vídeo para TV, o qual difere do formato do roteiro para cinema [Figura 1].

Roteiro de produção de vídeo Gestão Financeira para empresas	
Professor: <i>Pedro José da Silva</i> Roteirista: <i>Ana Beatriz</i> DI: <i>Ana Beatriz Bahia</i> Validação em 07/04/2015	
IMAGEM	ÁUDIO
1 Vinheta institucional.	[[FRASE MUSICAL]]
2 Vinheta do curso e título deste vídeo.	[[NARRADOR]] Apresentação da Gestão Financeira para empresas
3 Filmagem do professor, plano americano frontal.	[[PROFESSOR]] Olá, nesta aula você conhecerá a Gestão Financeira que desenvolve as necessidades de micro e pequenas empresas. Nesta primeira parte da aula, apresentarei conceitos norteadores da ferramenta e como ela funciona.
4 Corte. Enquadramento em plano médio frontal.	[[PROFESSOR]] A gestão financeira de uma organização trata de: <ul style="list-style-type: none"> • Controle de Patrimônio; • Controle de Caixa; • Controle dos Resultados Financeiros. [[OLHA PARA A TELA]]
5 Corte. Captura de tela V1_01. Aplica zoom nas partes narradas.	[[PROFESSOR]] Trata-se de um conjunto de planilhas elaboradas com o programa Excel, as quais. Cada uma traz uma demonstração. Começando com: <ul style="list-style-type: none"> • Balanço Patrimonial de 01 de 2017

Figura 1 - Modelo de roteiro técnico para produção de vídeo

Além dos dados de cabeçalho, o documento possui uma tabela de três colunas e várias linhas. Cada linha é uma tomada, o menor fragmento da sequência do vídeo, enumerada na primeira coluna da tabela. Na segunda coluna, descreve-se o que será exibido na tela do vídeo; na terceira coluna descreve-se o que será áudio no vídeo (como o texto a ser exibido no *teleprompter*). Esta estrutura deixa claro qual frase do professor aparecerá em sincronia com cada imagem prevista no roteiro. Recomenda-se ainda inserir descrições de como os elementos de imagem e som entram em cena, como se comportam quando exibidos e como

saem de cena; tudo isso pode ser descrito entre colchetes, evitando confusão entre os textos de orientação de produção e os textos a serem alvo de narração e produção gráfica.

Quanto à síntese de conteúdo, destaca-se que este é documento básico para a escrita do roteiro. Logo, é importante que o professor também leve em consideração as dez máximas de uso da linguagem audiovisual para fins pedagógicos. Portanto, o professor deve ser sintético e organizado, escrevendo cerca de duas laudas (cerca de 4.000 caracteres com espaço) para vídeos com cerca de 8 minutos, indicando títulos e subtítulos em seu texto, deixando claro qual é o conceito central e quais informações são secundárias, que apenas ilustram e complementam esse conceito. É importante que o professor aborde o conteúdo de modo teórico-prático, evitando tanto o enfoque excessivamente concreto quanto o excessivamente teórico e, por exemplo, que estabeleça pontes com a realidade concreta do estudante mesmo quando o conteúdo é um conceito filosófico. É importante que o professor indique qual fundamentação teórica está sendo utilizada em sua síntese de conteúdo. O professor pode complementar seu conteúdo com imagens, músicas e outras produções culturais que queira tomar como referência, ou apenas citar no vídeo. Isso pode ser previsto no roteiro para ser incorporado ao vídeo na etapa de edição. Quando for o caso, ele deve conferir com a equipe de produção se o material complementar tem qualidade de resolução necessária para o vídeo que será produzido.

Acima de tudo, o professor deve escolher um “recorte” do conteúdo tendo em vista a audiência do vídeo. Algumas perguntas orientam o professor neste processo, como: quem é o estudante? Quais aspectos do conteúdo podem sensibilizar e despertar seu interesse? Que relações podem ser estabelecidas entre o conteúdo e a realidade do estudante? De que maneira esse conteúdo pode ter impacto positivo na vida do estudante? Outro fator que contribuiu para que o professor organize boa síntese de conteúdo é não se preocupar em querer esboçar um argumento de vídeo, ou descrever como o conteúdo será apresentado no vídeo. Sugestões do professor ao roteirista e ao designer educacional são sempre bem-vindas, mas num documento separado, evitando confusões sobre o que, de fato, constitui o assunto do vídeo. Assim será

factível a criação de um argumento de vídeo que desperte a atenção do aluno, não apenas para o vídeo, mas para o conteúdo como um todo.

Produção

Processo que consiste em colocar o roteiro em vias de fato, produzindo separadamente cada um dos materiais que irão compor o vídeo: os **arquivos de gravação** (como filmagem e áudio de narração) e os **elementos gráficos** (como tabelas, fotografias e telas de título).

Neste processo primeiramente é fundamental que o professor valide o roteiro somente após sentir-se confortável com tudo que está ali colocado. O roteiro é um trabalho coautorial, mas verbalizado apenas pelo professor. Então, se alguma palavra para ele não soa bem, deve propor a substituição por outra.

O segundo passo, após a revisão textual do roteiro, está relacionado ao professor estudar o texto a ser gravado. Mesmo que tenha experiência no assunto e que já tenha lido silenciosamente o roteiro na validação, deve treiná-lo em voz alta, várias vezes. Assim, poderá identificar alguma dificuldade de pronúncia e ensaiar até as falas soarem espontâneas. Se houver *teleprompter* na sala de gravação, não é preciso decorar o texto, apenas demonstrar estar bem familiarizado com o texto.

Outro item que merece atenção na produção do vídeo diz respeito à escolha do figurino. É interessante que o professor se vista como se fosse dar uma aula presencial, considerando qual roupa é adequada para estabelecer um diálogo com sua audiência (estudantes do curso). No geral, recomenda-se dar preferência a roupas neutras e com poucos acessórios; evitar roupas excessivamente formais e exóticas, tecidos estampados chamativos, camisetas com estampas em grande tamanho, ou outro tipo de vestimenta que possa “roubar” a atenção do estudante.

Se a filmagem for feita num estúdio profissional, recomenda-se dar preferência a cores que contrastem com o cenário. Como videoaulas costumam ter cenários brancos ou claros e neutros, uma boa escolha são roupas escuras, como azul profundo e cinza chumbo. Não se

deve usar roupas com detalhes ou acessório verde-claro, pois geralmente a filmagem é feita em fundo “falso” (verde); logo, tudo que for verde ficará transparente no processo de edição. Também não é recomendado o uso de tecido brilhante ou rajado (com fios brancos em meio aos fios de cor mais escura), pois ele pode provocar reflexos da forte luz do estúdio de gravação. Deve-se evitar roupas e acessórios que tenham volume, sobressalientes ao tecido que toca o corpo (como grandes golas, coletes abertos ou colares, brincos e pulseiras volumosos); esses volumes formam sombras, manchas pretas na imagem, em função da forte luz do estúdio. Quando o uso de roupas menos formais for adequado para falar com os alunos, a camiseta escura de tecido fosco é a melhor opção de roupa, pois dificilmente refletirá a luz do estúdio ou produzirá sombras indesejadas. Por fim, em função da quantidade e potência dos pontos de luz voltados ao protagonista no estúdio, as seções de gravação costumam ser de intenso calor. Então, o melhor é preferir roupas leves e evitar seções longas. Todas estas questões devem ser apresentadas ao professor pelo profissional da equipe multidisciplinar envolvido na produção.

No momento da gravação, é importante que o professor olhe para os seus estudantes, ou seja, olhe para a câmera, imaginando que está interagindo com eles. Deve buscar uma postura corporal natural, evitando manter-se rígido, ou gesticular em demasia. Tudo isso pode desviar a atenção do estudante. O estilo da fala deve ser o mesmo usado na aula presencial, sem incorporar trejeitos de apresentadores de telejornal, de documentários, ou outros. É fundamental estar atento à pronúncia das palavras e da pontuação, primando pela clareza. Também é importante que o professor mantenha ritmo na fala, num tom levemente empolgante e evitando a fala em tom único, que provoca sonolência a quem assiste ao vídeo. Deve-se cuidar para que o professor não atrepele palavras, nem emende frases ou faça pausas indevidas (que não correspondem à pontuação). É importante explorar bem a entonação da fala, destacando expressões-chave que podem estar negritadas no roteiro. E quando o professor comete um erro, ou nota que poderia expressar melhor um parágrafo, deve parar, fazer uma pausa de três segundos e refazer sua fala, sem outros comentários, assim o erro será suprimido posteriormente na edição. É importante que o roteirista que acompanha o professor

na gravação observe a postura e fala do profissional, marcando a necessidade de regravar algum trecho ao final da primeira gravação. Ainda, se possível, recomenda-se gravar duas vezes em sequência, pois o ritmo e a desenvoltura do professor na segunda tentativa costuma ser melhor do que na primeira

Edição

Este processo também é norteado pelo roteiro técnico. Primeiramente, é momento de **depurar as gravações**, suprimindo pausas, erros, ajustando o volume de falas que ficaram mais baixas, entre outros detalhes. Em seguida o editor junta as gravações depuradas com os elementos gráficos da etapa de produção, tendo por objetivo **finalizar o vídeo**. Neste momento, ele inclui efeitos de transição, vinhetas de abertura, ficha de créditos, entre outros elementos que a equipe julgar pertinentes. A etapa termina com a entrega do vídeo validado por roteirista e professor.

Publicação

É a postagem do vídeo no ambiente virtual de ensino-aprendizagem.

Por fim, é importante destacar que o roteirista, o designer educacional, o professor e todos os demais profissionais envolvidos participam ativamente das etapas de produção gráfica e de edição, identificando a necessidade de ajustes pontuais. Isso porque é papel da equipe multidisciplinar contribuir com o olhar do especialista por área, avaliando a **consistência** pedagógico e a **coerência** do vídeo em relação aos demais materiais didáticos com os quais o estudante terá contato. Além das equipes docente e de produção, a participação da coordenação de produção de material didático é constante. Ela contribui com elementos fundamentais para as equipes, organizadas por projeto, supervisionando: escopo, integração, tempo, qualidade, comunicação, entre outros aspectos envolvidos no projeto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo discutimos o papel do vídeo didático na EaD, assim como as características formais e comunicacionais que são determinantes para que ele desperte os

interesses do estudante. Identifica-se que o vídeo didático de qualidade promove a aprendizagem e, conseqüentemente, assume papel de mídia do conhecimento.

A partir desta reflexão apresentamos dez máximas que agregam qualidade pedagógica a esse tipo de recurso didático e descreveu-se as cinco principais etapas a serem trilhadas no processo produção deste tipo de mídia. As etapas foram propostas tendo em vista demandas e recursos com os quais trabalhamos ao longo de um ano em cursos ofertados por uma instituição federal de ensino técnico-profissionalizante no estado de Santa Catarina.

Por fim, destacamos que práticas de gestão contribuíram para a liderança da equipe e boa qualidade dos vídeos didáticos produzidos. Isso propiciou a construção dos artefatos apresentados neste artigo, ou seja, a taxionomia organizada em cinco categorias, bem como o mapeamento de atores da equipe e etapas do processo, definidos para cada tipo de vídeo didático. Sugerimos ampliar a discussão a partir da aplicação deste modelo em outras realidades de instituições de ensino que utilizem vídeo didático.

REFERÊNCIAS

BAHIA, A. B.. **Jogando Arte na Web**: Educação em Museus Virtuais. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BAHIA, A. B.; SILVA, A. R. L. **Vídeo didático**: um guia para o professor. Florianópolis: IFSC, 2015.

BEAUDIN, B. P.; QUICK, D. Instructional Video Evaluation Instrument. **Journal of Extension**, Connecticut, v. 34, n. 3, jun. 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referenciais de qualidade para Educação superior a distância**. Secretaria de Educação a Distância, Brasília, 2007.

CARDOSO, C. A. O vídeo instrucional como recurso digital em educação a distância.

Revista Trilha Digital, São Paulo, v. 1, n. 1, 2013.

CLOTHIER, P. Interactive Video: the next big thing in mobile. **Learning Solutions Magazine**. Disponível em: < <http://www.learningsolutionsmag.com/articles/1292/interactive-video-the-next-big-thing-in-mobile>>. Acesso em: 27 out. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MAYER, R. E. Multimedia Learning: Are We Asking the Right Questions? **Journal of Educational Psychologist**, Washington, v. 32, n. 1, 1-19, 1997.

_____ ; MORENO, R. A. A split-attention effect in multimedia learning: Evidence for dual processing systems in working memory. **Journal of Educational Psychology**, Washington, v. 90, n. 2, 312-320, 90, 1998.

_____. A coherence effect in multimedia learning: The case for minimizing irrelevant sounds in the design of multimedia instructional messages. **Journal of Educational Psychology**, Washington, v. 92, n. 1, 117-125, 2000a.

_____. Learner-Centered Approach to Multimedia Explanations: Deriving Instructional Design Principles from Cognitive Theory. **IMEJ of Computer-Enhanced Learning**. Winston-Salen, v. 2, n. 2, out. 2000b.

SCHNAID, F.; TIMM, M. I.; ZARO, M. A.. Uso adequado de linguagem de vídeo para EaD. In: **X Congresso Internacional de Educação a Distância**, Porto Alegre. ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância, 2003.

SILVA, A. R. L.; SPANHOL, F. J.. **Design Instrucional e Construção do Conhecimento na EaD**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

Ana Beatriz Bahia

Doutorado em Educação/UFSC. Atualmente é professora substituta no Centro de Educação a Distância da UDESC. É cofundadora e diretora de criação do estúdio Casthalia, especializado em tecnologias educacionais.

Andreza Regina Lopes da Silva

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPEGC) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Graduanda em Pedagogia pela UniCesumar. Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento com ênfase na área de Mídia do Conhecimento. Especialista em Educação a Distância e em Auditoria Empresarial. Graduada em Administração pela UFSC em 2002. Pesquisadora UFSC e CNPq nas áreas de Projeto, Metodologia e Design Educacional para planejamento, prática, acompanhamento e avaliação em EaD .

Artigo recebido em 09/11/2016

Aceito para publicação em 11/07/2017

Para citar este artigo:

BAHIA, Ana Beatriz; SILVA, Andreza Regina Lopes da. MODELO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO DIDÁTICO PARA EaD. Revista Paidéi@. Unimes Virtual. Volume 9 – Número 16 – JULHO.2017 . Disponível em: <http://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=index>